

REPORTAGEM E ELEIÇÕES: UM ESTUDO DO PROCESSO IDENTITÁRIO DA IMPRENSA ESCRITA EM MATO GROSSO DO SUL*

*Vanessa Amin - Vânia Maria Lescano Guerra***

Resumo

Em 2006 foram realizadas eleições para o cargo de governador do Estado de Mato Grosso do Sul (MS). A disputa envolveu, principalmente, dois candidatos: André Puccineli (PMDB) e Delcídio do Amaral Gomez (PT). A fim de refletir sobre o discurso jornalístico e o acontecimento, este artigo estuda o processo identitário de dois jornais impressos diários de MS –“Correio do Estado” e “O Progresso”–, a partir da análise do gênero Reportagem, utilizado pelos jornais na cobertura das eleições. Para realizar a pesquisa consideramos que a análise deve ir além da materialidade do discurso, buscando no arquivo as regras, práticas, as condições de produção e o funcionamento e as relações de saber-poder.

Palavras-chave: discurso jornalístico; práticas sociais; reportagem.

* Este artículo se recibió el 21 de mayo de 2009 y su publicación se aceptó el 29 de noviembre de 2009.

** **Vanessa Amin.** Maestría en Letras de UFMS. Asesora en la Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal (UNIDERP). E-mail: vamin@terra.com.br
Vânia Maria Lescano Guerra. Doctora en Lingüística y Lengua Portuguesa, Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho. Profesora de la Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). E-mail: vguerra1@terra.com.br

Abstract

In 2006 the elections for Governor of the Estate of Mato Grosso do Sul (MS), involved the rivalry between two main candidates: André Puccinelli (PMDB) e Delcídio do Amaral Gomez (PT). In order to reflect on the media discourse, this paper investigates the identity processes of two MS daily newspapers – Correio do Estado and O Progresso. – The corpus was comprised of reports produced by the newspapers during the election period. The analysis went beyond the material to look at the rules, practices, conditions of production and operation and relations of power/knowledge.

Keywords: media discourse; social practice; reportage.

Introdução

O papel dos veículos de comunicação na sociedade atual é o de proporcionar ao público o acesso aos fatos, aos acontecimentos. Porém, esses veículos não são simples meios de transmissão de informações, mas instituições organizadas nas quais ideologia e poder caminham lado a lado, influenciando o processo de produção de sentidos.

O objetivo deste artigo é investigar o processo identitário de dois jornais impressos de Mato Grosso do Sul – “Correio do Estado” e “O Progresso” – por meio da análise do gênero do discurso Reportagem, utilizado no suporte, e do acontecimento discursivo sobre a disputa que envolveu os dois principais candidatos ao Governo do Estado, nas eleições de 2006, a saber, André Puccinelli (PMDB) e Delcídio Amaral (PT). Para isso, estudamos os aspectos verbais e os deslizamentos de sentido no gênero “reportagem” de edições dos dois impressos publicadas entre 21 de setembro e 3 de outubro de 2006, escolhendo aquelas mais relevantes para o objetivo do trabalho e que citaram os dois candidatos em questão.

A discussão dos conceitos-chave envolve a consideração de disciplinas já tradicionais, como a Comunicação, e um esforço inter e

trans-disciplinar com a Lingüística e a Análise do Discurso francesa. Assim, para realizar a pesquisa consideramos que a análise deve ir além da materialidade do discurso, buscando no arquivo as regras, práticas, as condições de produção e o funcionamento, as relações de saber-poder por meio do corte horizontal de mecanismos e da leitura horizontal das discursividades. Nessa direção, também levantamos informações sobre a história e a linha editorial de cada um dos dois veículos de comunicação.

Posteriormente passamos às conclusões delineadas a partir dos dados levantados e das análises feitas, em que pudemos comprovar que as premissas da imparcialidade e do equilíbrio na cobertura jornalística, ainda permanecem como mitos escondidos para o leitor comum, por meio de escolhas aparentemente neutras.

Referencial teórico

A Análise do Discurso (AD) de linha francesa, que preconiza um quadro teórico que alia o lingüístico e o sócio-histórico, surgiu em meados da década de 1960, porém foi consagrada em 1969, com a publicação do número intitulado A Análise do Discurso da revista *Langages* e, principalmente, com o livro *Análise automática do discurso*, de Michel Pêcheux. Em seu quadro epistemológico, articula três áreas do conhecimento científico: o materialismo histórico, a lingüística e a psicanálise (Gregolin; Baronas, 2003).

Para Navarro-Barbosa (2006), o pesquisador em AD tem que enfrentar o desafio de tentar explicitar seu objeto de investigação, situar-se no interior de uma abordagem lingüística e, ao mesmo tempo, no exterior dela, uma vez que o foco de suas reflexões não se esgota na materialidade lingüística. Ele chega até a constituição dos discursos e aos enunciados possíveis, a partir de uma análise discursiva que só emergirá se levar em consideração que os discursos têm uma existência material, são constituídos pelas regras da língua e também por aquilo que foi dito de fato. Assim, ao trabalhar com veículos de comunicação, especificamente com o discurso de informação ou jornalístico, o analista poderá constatar que o mes-

mo é atravessado pela interdiscursividade. De acordo com Denise Maldidier (2003), “o interdiscurso não é nem a designação banal dos discursos que já existiram antes nem a idéia de algo comum a todos os discursos” (idem, p. 51), mas que o interdiscurso é que designará “o espaço discursivo e ideológico no qual se desdobram as formações discursivas em relação com as formações de dominação, subordinação, contradição”.

Também é característica do discurso jornalístico a heterogeneidade. A presença localizada de outro discurso no fio do discurso será chamada de heterogeneidade mostrada, que pode ser ainda subdividida em marcada ou explícita, quando se encontra assinalada por meio do discurso direto ou indireto, do uso das aspas ou glosas; e a não-marcada por meio do discurso indireto livre, ironia, alusões. A autora remete ainda à heterogeneidade constitutiva, quando o discurso encontra-se dominado pelo interdiscurso (Authier-Revuz, 1990). Temos, especialmente, no jornal impresso a presença evidente da heterogeneidade em todas as suas formas.

Pêcheux (2006) em sua obra *O Discurso: estrutura ou acontecimento* percorre os caminhos do acontecimento, do discurso e da tensão entre a descrição e a interpretação na AD. A partir da cobertura da mídia francesa e do enunciado *On a gagné* (Ganhamos), que ecoou em Paris quando o presidente François Mitterrand foi eleito, o autor discute como uma estrutura enunciativa típica do mundo esportivo aparece no cenário político francês. O acontecimento jornalístico que retrata o resultado das eleições para presidência na França, segundo Pêcheux, ao mesmo tempo em que remete a um conteúdo sócio-político transparente, por meio das evidências dos números, mostra-se “profundamente opaco” por meio dos enunciados.

A mídia reconstrói os fatos segundo critérios próprios, pois não há espaço para inserir tudo o que acontece nas sociedades. Portanto, é feita uma seleção de fatos e dado tratamento ao conteúdo que irá ao ar ou que será publicado. “As mídias não transmitem o que ocorre na realidade social, elas impõem o que constroem do espaço público” (Charaudeau, 2006, p. 19). O discurso jornalístico, ao mesmo tempo, que usa uma linguagem racional aparentemente transparente, pretende despertar o interesse das pessoas por meio

da sensibilização afetiva, apresentando uma linguagem mergulhada na opacidade.

Ao observarmos as marcas identitárias dos veículos de comunicação de massa, incluindo-se aí o jornal impresso, observamos que eles se posicionam como porta-vozes e intermediadores dos discursos presentes na sociedade. Utilizam estratégias de apagamento da sua individualidade, por meio da adoção dos conceitos de objetividade e neutralidade, do uso da terceira pessoa na elaboração do discurso jornalístico, da inserção dos discursos dos diversos atores sociais para construir uma imagem de mediadores. Por isso, devemos estar atentos ao fato de que essa mesma instância reproduz o seu discurso e o discurso de outros enunciadores e estará intimamente ligada a essa dualidade. Por ter uma voz própria, ela manipulará as estratégias, aproximando-se dos discursos com os quais se identifica e se distanciando dos outros que não aplaude.

Há ainda outro aspecto a ser levado em consideração na enunciação jornalística: o silêncio. É um silêncio que não cessa de se deslocar, à medida que o jornalismo prossegue incansavelmente a sua representação discursiva. Embora logicamente prévio, o silêncio percorre, no entanto, de uma ponta a outra, todo o discurso jornalístico. É, no fundo, com esse silêncio que o discurso jornalístico dialoga. Além dos modos constitutivos de dizer, há outras categorias de silêncio que atravessam as formas de expressão, tais como elipses e reticências (Lopes, 1990). Muito mais fáceis de identificar, essas modalidades de silêncio abrem lacunas nas unidades significantes, a partir da cadeia de expressões lingüísticas, unidades que a audiência é levada a complementar, assumindo, assim, um papel ativo, tanto na reconstituição da cadeia das formas significantes elididas (ou implícitas), quanto na elaboração de um sentido comum. Isso está intimamente ligado aos aspectos da argumentação e da persuasão constitutivos do discurso jornalístico.

Assim, a instância midiática estabelecerá um posicionamento, seja por meio dos interdiscursos, dos “conteúdos”, dos modos de citação, do silêncio e até mesmo na escolha dos gêneros do discurso. Na perspectiva da AD, o posicionamento refere-se à instauração e à conservação de uma identidade enunciativa que não é fechada.

Serão os valores que o sujeito do discurso defende e a posição que ele ocupa no campo discursivo que caracterizarão sua identidade.

Em uma sociedade onde existem inúmeros veículos de comunicação, tomando, por exemplo, o Estado de Mato Grosso do Sul, que possui mais de sete impressos diários, cada um desses jornais busca se firmar junto aos leitores por meio da consolidação de sua identidade. O leitor não compra um jornal, mas o “Correio do Estado” ou “O Progresso”, enfim, aquele que tem sua preferência, com o qual se identifica. Temos, assim, o estabelecimento de uma relação simbólica construída pelo jornal com o seu público. Essa relação tem como base a credibilidade. E a credibilidade está relacionada diretamente ao conceito de objetividade, de fazer os fatos falarem por si, ou seja, a realidade estampada como ela é nas páginas impressas do periódico e sem interferência. Esse efeito de sentido é buscado por meio de estratégias citadas, como o apagamento da voz do jornal por meio da construção do discurso em terceira pessoa, a preferência por gêneros do discurso jornalístico que se classificam na modalidade de relato ou informativos, como é o caso da reportagem.

Os jornais “Correio do Estado” e “O Progresso”

Ao buscarmos informações históricas, nos arquivos de ambos os jornais –“Correio do Estado” e “O Progresso”– verificamos que o seu surgimento esteve atrelado a questões políticas.

Fundado em 7 de fevereiro de 1954, em Campo Grande, MS, o jornal “Correio do Estado” nasceu vinculado ao grupo político integrante da União Democrática Nacional (UDN). Em 1957, devido à crise financeira e desinteresse dos proprietários, a direção do jornal passa para o gerente José Barbosa Rodrigues que inicia uma nova fase do periódico, redimensionando o jornal e o consolidando no mercado. Hoje, é líder na preferência dos leitores segundo pesquisas (Ibope, Tendência Vox, Ibrape) e é o mais antigo diário de Campo Grande com circulação ininterrupta. O jornal “Correio do Estado” foi o primeiro passo para a criação de um dos grupos de comunicação mais importantes de Mato Grosso do Sul – o Grupo

Correio do Estado, que, sob a administração de José Barbosa Rodrigues adquiriu a “Rádio Cultura”, fundou a “94 FM” e a “TV Campo Grande”. Após a morte de José Barbosa Rodrigues, em 2003, o grupo passou a ser dirigido pelo seu filho Antônio João Hugo Rodrigues que, atualmente, também é presidente do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) e suplente do senador Delcídio do Amaral.

Em seu expediente, o jornal “O Progresso” se auto-intitula como “o mais antigo do Estado e de maior circulação no interior”. O primeiro exemplar data de 22 de fevereiro de 1920, época na qual era publicado quinzenalmente, no município de Ponta Porã, no então sul de Mato Grosso, e tinha como fundador o advogado e jornalista José Passos Rangel Torres. Porém, em 1930, Passos resolve interromper a circulação do jornal por causa de ameaças políticas feitas à família. Um de seus filhos, Weimar Gonçalves Torres, ao mudar-se para o município de Dourados, reabre o jornal “O Progresso”, em 21 de abril de 1951. Weimar tinha forte envolvimento político, era filiado ao Partido Social Democrático, exerceu mandato de vereador no município e sempre se engajava em campanhas. Depois de sua morte, em 1969, a esposa Adiles do Amaral e o sogro Valdemiro do Amaral assumem o comando do jornal. Atualmente, o jornal é dirigido por Adiles Torres do Amaral e tem como diretora-superintendente sua filha Blanche Torres.

Ao pesquisar sobre a linha editorial, verificamos que ambos os jornais assumem posição de porta-vozes e se identificam como defensores dos interesses da sociedade sul-mato-grossense por meio da produção de um noticiário baseado na objetividade, imparcialidade e isenção. Mais especificamente, os diretores do jornal “Correio do Estado” definem que sua linha editorial sempre foi pautada pela defesa dos interesses locais, na qual prevalecem os interesses da sociedade, o princípio da independência editorial, a opinião circunscrita apenas nos editoriais e um noticiário objetivo e isento. No jornal “O Progresso”, segundo seus diretores, os princípios que norteiam o seu fazer jornalístico, desde a fundação, e que permeiam a linha editorial são: ética, imparcialidade, transparência, verdade e credibilidade. A imparcialidade do noticiário também é um dos fatores apontados pelo editorial como “forte” para a identificação do

leitor com o veículo e a credibilidade e tradição mantidos durante os quase 60 anos de existência.

O acontecimento discursivo

Em 2006, ocorreram eleições para cargos do governo executivo federal e estadual e para a Assembléia Legislativa e Congresso Nacional. Em Mato Grosso do Sul, as eleições para governo do Estado foram definidas em primeiro turno, no dia 1º de outubro, com a vitória do candidato André Puccinelli (PMDB). A campanha política foi marcada pela disputa entre Puccinelli e o senador Delcídio do Amaral Gomez (PT). Na ocasião, o Estado era governado por José Orcírio dos Santos (PT) que se licenciou do cargo para apoiar a candidatura de Delcídio.

Puccinelli é médico e iniciou carreira pública atuando na Secretaria Estadual de Saúde de 1983 a 1985, no governo de Wilson Barbosa Martins (PMDB). Foi eleito deputado estadual por dois mandatos: de 1987 a 1991 e de 1991 a 1995. Depois elegeu-se deputado federal e em seguida administrou a capital Campo Grande por oito anos (1997-2004). Conseguiu, em 2004, eleger o seu sucessor Nelson Trad Filho (PMDB) em primeiro turno. E passou dois anos se preparando para as eleições de 2006. Possui um patrimônio pessoal declarado de R\$ 2.376.655,78, segundo informações do TRE-MS e gastou por volta de R\$ 15 milhões com a campanha ao governo do Estado. Sempre apareceu nas pesquisas com larga vantagem e grandes chances de vitória no primeiro turno das eleições. Apesar de atualmente no PMDB, Puccinelli já foi filiado ao PSDB sul-mato-grossense.

Nascido em Corumbá, MS, em 8 de fevereiro de 1955, Delcídio do Amaral Gómez estudou por um tempo na cidade e depois se mudou para São Paulo. Concluiu a faculdade de Engenharia Elétrica em 1978 e seguiu carreira profissional no setor, tratando especificamente de questões de energia, em empresas e usinas que o levariam a conhecer o Brasil e o mundo. Em 1994, ocupa a Secretaria Executiva do Ministério das Minas e Energia, ao final do governo do presidente Itamar Franco, torna-se ministro de Minas e Energia e

depois, ocupa a Diretoria de Gás e Energia da Petrobras. Convidado pelo governador Zeca do PT, deixa a diretoria da Petrobras e retorna ao Mato Grosso do Sul para estar à frente da Secretaria de Estado de Infra-Estrutura e Habitação. Filia-se ao PT e vence a convenção para ser o candidato do partido ao Senado. Nas eleições de 2002, derrota um dos políticos sul-mato-grossenses mais tradicionais, o ex-governador Pedro Pedrossian, e consegue um feito, por ser, até então, um nome praticamente desconhecido da maioria na região. Em 2006, licencia-se do Senado e candidata-se ao cargo de governador. Se, nacionalmente, o PMDB é aliado do governo do PT de Lula, em Mato Grosso do Sul, os dois partidos são adversários. Essa rivalidade permeou toda campanha política, marcada por enfrentamentos diretos e indiretos entre os dois candidatos.

O gênero Reportagem e o processo identitário dos jornais

Melo (1994) define o gênero reportagem como o relato ampliado de um acontecimento, no qual o jornalista procura oferecer mais detalhes sobre um fato que já ocorreu e também lhe permite maior interpretação. Ao redigir uma reportagem, ele deve se preocupar em oferecer vários pontos de vista, muitas vezes contraditórios, e para isso deve sair da redação, presenciar o acontecimento e, além disso, buscar entrevistas, dados, tudo que for necessário para oferecer ao leitor uma informação mais contextualizada. Na reportagem, há a preocupação em responder as seis perguntas básicas da apuração jornalística: o que aconteceu, quem se envolveu, quando, onde, como e por que, sendo essas duas últimas questões, as mais exploradas.

Para Sodré e Ferrari (1986), a reportagem deve apresentar algumas características principais como a forma narrativa de maneira predominante, o relato humanizado, o texto mais impressionista e a objetividade na narração dos fatos. Eles apontam três tipos fundamentais de reportagem. A primeira delas é a reportagem de fatos (fact-story) na qual o jornalista relata o acontecimento de maneira objetiva e redige o texto na forma de pirâmide invertida, narrando os fatos de forma sucessiva na ordem do mais importante para o menos importante. A segunda forma é a reportagem de ação (action-story)

que permite maior envolvimento do leitor, pois o relato é feito de forma movimentada, com descrição das cenas (como em um filme), mobilizando, inicialmente, o aspecto mais atraente e depois a exposição dos detalhes restantes. Em terceiro lugar aparece a reportagem documental (quote-story), em que o relato é apoiado por citações que completam e esclarecem o acontecimento e o fundamentam.

O gênero reportagem manifesta-se em todos os veículos de comunicação: jornais, revistas, televisão, rádio e Internet. Nos veículos midiáticos analisados nesta pesquisa, “Correio do Estado” e “O Progresso”, foi o gênero do discurso mais utilizado para relatar fatos envolvendo os dois candidatos mencionados. A escolha desse gênero parece indicar maior interesse dos jornais em repercutir amplamente os acontecimentos do cenário eleitoral, porém com posturas diferenciadas, como poderemos observar a seguir.

As duas primeiras reportagens que destacamos relatam a participação dos candidatos nas comemorações do aniversário do município de Corumbá e foram publicadas no dia 22 de setembro de 2006. A primeira diferença na cobertura pode ser verificada nos títulos: enquanto o jornal “O Progresso” opta por um título genérico e aparentemente mais neutro: “Campanha descamba para os ataques e agressões pessoais”, o “Correio” prefere citar o nome dos candidatos: “André invade o palanque de Delcídio”, em uma identificação de quem seria o sujeito. Há também diferença nos subtítulos: “André Puccinelli reage e diz que quer vencer o petista Delcídio Amaral em Corumbá”, no “O Progresso”; e “Aniversário de Corumbá: presença de candidato do PMDB irritou petistas”, no “Correio do Estado”.

Ao analisarmos os dois verbos utilizados para expressar a ação de Puccinelli, que nos fornecem pistas sobre o posicionamento dos jornais, verificamos que o Correio, quando utiliza o verbo invadir, compreende a presença do candidato peemedebista no palanque em Corumbá como uma afronta ao candidato petista e contribui para a construção de uma imagem negativa de Puccinelli. Ao utilizar o verbo reagir, “O Progresso” atribui um efeito de sentido bem diferente do que foi construído pelo jornal “Correio do Estado”. No discurso do jornal “O Progresso”, André Puccinelli reagiu, opôs-se

a outra ação que lhe foi contrária (Ferreira, 1999), que será revelada na reportagem, e que contribuirá para a construção de uma imagem positiva do candidato, segundo nossas análises.

Ao compararmos as reportagens, é possível observar a diferença permeando as formações discursivas dos dois jornais. É o que podemos observar no trecho do jornal “Correio do Estado”:

- (01) O candidato do PMDB ao governo do Estado, André Puccinelli, “invadiu” ontem o palanque em que estava o seu rival, Delcídio do Amaral (PT), e o governador licenciado José Orcírio dos Santos (PT), no desfile de comemoração do aniversário de Corumbá. A presença de André provocou confusão e constrangimento. Dois dias depois de xingá-lo de filho da p..., André foi cumprimentar Delcídio. Mas, não deixou de provocá-lo, dizendo-lhe ao pé-do-ouvido que iria desmanchar tudo o que o candidato petista vem fazendo no interior (Correio do Estado, A3, 22/09/2006).

Por outro lado, a reportagem do jornal “O Progresso” traz o seguinte excerto:

- (02) O candidato do PMDB à sucessão estadual, André Puccinelli, reagiu às ofensas dos adversários, feitas por meio de panfletos apócrifos, dizendo que agora quer derrotar Delcídio do Amaral (PT) em seu próprio domicílio eleitoral, Corumbá, onde esteve participando ontem das comemorações dos 228 anos de fundação do município (O Progresso, A3, 22/09/2006).

Enquanto o primeiro veículo ressalta as provocações do candidato André Puccinelli a Delcídio do Amaral, o segundo salienta que o ex-prefeito reagiu às ofensas do adversário, apresentando dois recortes completamente distintos do mesmo evento e que revelam diferentes posicionamentos dos jornais com relação ao acontecimento. O “Correio do Estado” ao trazer o recorte que ressalta a atitude provocatória do candidato peemedebista se aproxima do discurso oficial e contribui para a desvalorização da imagem de Puccinelli. “O Progresso”, ao trazer o recorte que enfatiza a reação de Puccinelli às ações ofensivas dos seus adversários, aproxima-se do seu discurso

e contribui para a construção de uma imagem negativa do candidato petista. Verificamos também que o “não-dito”, o apagamento de aspectos do acontecimento discursivo é marcante, em ambos os jornais, para traçarmos o seu perfil identitário e constatarmos que há marcas ideológicas nas escolhas dos discursos e na omissão, no silenciamento utilizado pelos dois impressos.

A reportagem do “Correio” traz o discurso do candidato Delcídio do Amaral que “considerou um despropósito a atitude de André de subir no palanque”. Esse “despropósito” é superdimensionado pelo veículo ao descrever a ação do governador José Orcírio que se irritou com a presença do peemedebista e deu as costas para ele; e ao introduzir o discurso da mãe de Delcídio que ficou “furiosa com a presença de André no palanque, pois está ofendida em ser chamada de p... pelo candidato do PMDB”.

Na mesma reportagem, é relatado que Puccinelli “aproveitou para atacar” o próprio jornal “Correio do Estado” por ter reproduzido reportagens publicadas em outro veículo de comunicação (jornal “Correio Braziliense”) sobre denúncias de corrupção durante sua administração enquanto prefeito da Capital. O jornal poderia restringir-se ao uso do verbo atacar, porém ao optar pela construção “aproveitou para atacar” provoca o efeito de sentido que vem reforçar a agressividade do candidato peemedebista, que “invadiu o palanque” e “xingou de filho da p...” e que, ainda, se coloca na posição de vítima do agressor. Esse recorte também nos dá pistas sobre os conflitos de interesse existentes entre o então candidato André Puccinelli e o jornal “Correio do Estado”:

(03) “Isto é próprio de quem mente, está estampado até com impressões digitais, o que nos demonstra que o “Correio do Estado” continua mentindo. É um despropósito tamanho, mas para quem está com mais de 60% o jeito é relevar”, afirmou o candidato peemedebista (Correio do Estado, A3, 22/09/2006).

Verificamos, também, que a reportagem de “O Progresso” concede mais espaço ao discurso de André Puccinelli em sua chegada à cidade de Corumbá, a saber: “[...] conclamaremos nosso adversário que não é nosso inimigo para que se junte na melhoria do futuro

de Mato Grosso do Sul” ou “agora a pretensão é um pouquinho maior, do empate passarmos à vitória” e que o candidato teria afirmado que se ganhasse iria comemorar em Corumbá com uma grande pescaria, enunciado destacado entre as colunas de texto da reportagem, chamado de “olho”. Ao recortar e transcrever esses trechos do discurso de Puccinelli, e não relatar as provocações que aconteceram no palanque, o jornal “O Progresso” assume um posicionamento diferente do “Correio”, ressaltado pela recuperação dos números das pesquisas que indicam a liderança de André na disputa eleitoral e do episódio da apreensão dos “panfletos ofensivos contra à honra do candidato André Puccinelli”, por meio do relato integral em cinco parágrafos.

As fotografias também merecem ser destacadas. O jornal “O Progresso” escolheu uma imagem sorridente do candidato André Puccinelli, acompanhado da candidata ao senado Marisa Serrano, diante de dois eleitores que também estão sorrindo, construindo um efeito de sentido contrário ao do que está apontado na reportagem. Já o “Correio” usa a imagem dos candidatos no palanque com Puccinelli ao lado de Marisa Serrano, em um plano mais próximo, ambos sorrindo; no canto direito, o governador José Orcírio surge com expressão facial séria e Delcídio do Amaral com a mão na face. A fotografia não retrata a invasão e/ou as agressões relatadas na reportagem.

As pesquisas de intenção de voto também foram tema de duas reportagens publicadas, com chamada na primeira página nos dias 24 e 25 de setembro no jornal “Correio do Estado” e no “O Progresso”, respectivamente. Vale ressaltar que a pesquisa relatada no “Correio do Estado” foi realizada a pedido do veículo para a Tendência e a que foi relatada no jornal “O Progresso” foi realizada pelo Ipems.

Com o título: “André amplia vantagem sobre Delcídio”, e o subtítulo: “Sucessão estadual: O candidato do PMDB avançou para 58,8%, podendo ganhar no primeiro turno, enquanto seu rival, do PT, permaneceu estável nos 28,7% na corrida eleitoral”, o “Correio” dedica os três primeiros parágrafos da reportagem para relatar os resultados das pesquisas atribuídos aos dois principais candidatos. Ao utilizar a construção podendo ganhar, ao invés de devendo ganhar, o jornal provoca o efeito de sentido de imparcialidade, pois

o verbo poder nesta construção remete mais à probabilidade do que o verbo dever, numa visível estratégia discursiva em que fica evidente a construção de certo distanciamento.

No quarto parágrafo o jornal destaca que, se as eleições ocorressem naquele dia, Puccinelli seria eleito e o PMDB reconquistaria o poder depois de oito anos de comando do PT. Poderíamos considerar uma abordagem positiva para André Puccinelli, não fosse a utilização do verbo reconquistar e a recuperação do acontecimento discursivo, que relata a sua desistência à disputa e derrota da candidata apoiada pelo PMDB para o então governador José Orcírio, em 2002, como se segue:

(04) Em 2002, André desistiu de concorrer às eleições, deixando a missão para a atual candidata ao Senado, Marisa Serrano (PSDB). Ela foi derrotada pelo governador José Orcírio dos Santos (PT), que acabou se reelegendo (Correio do Estado, A4, 24/09/2006).

“André tem 63% dos votos, aponta Ipems” e “O ex-prefeito venceria em primeiro turno com 69,55% dos votos da Capital e 59,88% do interior” são o título e o subtítulo da reportagem sobre o resultado das pesquisas eleitorais publicada no jornal “O Progresso”. O discurso traz informações detalhadas sobre a metodologia da pesquisa, aponta as intenções de voto na Capital e no interior e veicula uma informação que julgamos pertinente destacar: “A pesquisa revela que 68,25% dos eleitores entrevistados e que declararam voto para o Puccinelli têm curso superior incompleto. Já a maioria do eleitorado de Delcídio é analfabeto (38,33%)”. Tendo em vista que os relatórios das pesquisas apresentam variáveis de sexo, idade, escolarização e renda, ao recortar apenas a referida variável, o jornal se posiciona em relação aos dois candidatos, construindo uma imagem mais favorável ao candidato do PMDB, remetendo ao “já dito”, ao interdiscurso de que quanto mais escolarizado, mais capaz e crítico se torna o cidadão. A abordagem favorável também é reforçada pela menção ao bom desempenho do candidato do PMDB nos três últimos parágrafos, em que é relatada sua liderança na pesquisa estimulada, na espontânea e o menor índice de rejeição com relação a todos os outros candidatos.

Para respaldar nossas reflexões, trazemos Pêcheux (2006) e seus estudos sobre o processo discursivo bem como a sua relação com a história, especificamente quando o estudioso percorre os caminhos do acontecimento, do discurso e da tensão entre descrição e interpretação na AD. O autor, ao realizar uma pesquisa sobre a cobertura da mídia francesa durante as eleições de François Mitterrand, aponta que a mídia remete seu discurso a um conteúdo sócio-político transparente, por meio das evidências de números de resultados e de pesquisas, porém, mostra-se profundamente opaca por meio dos enunciados. Verificamos que o mesmo aconteceu na cobertura feita pelos dois jornais analisados. À medida que criam efeitos de sentido de objetividade e de transparência com um discurso repleto de dados numéricos e obtêm a credibilidade do público, os veículos de comunicação estabelecem um confronto discursivo por meio dessas escolhas enunciativas.

A cobertura do debate realizado no dia 26 de setembro pela TV Morena foi destaque nos jornais analisados. O “Correio do Estado” na edição do dia 27 de setembro articula estratégias discursivas mais visíveis na construção da identidade do veículo, no que tange à eleição para o Governo do Estado. Com o título “André foge do confronto e incorpora propostas do PT”, a reportagem mobiliza uma crítica ao debate realizado pela “TV Morena” e ao desempenho do candidato do PMDB: “o debate foi inócuo, sem empolgação e sem discussão aprofundada dos principais temas que permeiam os planos de governo”. Na reportagem, o “momento mais quente” do debate foi quando o candidato Delcídio do Amaral questionou o candidato Puccinelli sobre a contratação de uma empresa de outro Estado, para confecção de uniformes de escolas da rede pública. A esse acontecimento específico, são dedicados três parágrafos da reportagem. Vamos destacar os verbos escolhidos pelo jornal para remeter ao discurso e à ação de Puccinelli durante o debate: “fugiu do confronto”, “incorporou as propostas petistas como se fossem suas” e “não respondeu à pergunta”. Verificamos os efeitos de sentido de desvalorização da imagem provocados pelas escolhas: fugir, no sentido de se desviar e que remete ao interdiscurso da covardia, da fraqueza; incorporar que significa juntar, reunir, mas, no discurso é empregado no sentido de se apoderar de algo que não

é seu. O “não”, posicionado antes do verbo responder, atua como índice de polifonia e articula marcadamente o outro do discurso, a voz do jornal, que se manifesta de modo a repreender a atitude do candidato em não responder às perguntas.

O veículo relata que a postura do candidato do PMDB tornou o debate “frio” e ataca também a organização da “TV Morena”, que pertence ao Grupo Zahran, concorrente do Grupo Correio do Estado: “O esquema de sorteio adotado pelo debate proporcionou poucos momentos de embate entre Delcídio e André”, marcando explicitamente a voz do jornal e o seu posicionamento de desaprovação ao acontecimento.

O jornal “O Progresso” repercutiu os resultados do debate na edição do dia 28 de setembro. O título “Candidatos avaliam como positivo o debate na TV”, o subtítulo “Os cinco candidatos responderam perguntas relacionadas a vários temas” e a reportagem constroem sentido distinto da reportagem publicada pelo “Correio do Estado” e analisada anteriormente, o que pode ser observado já nos primeiros parágrafos:

- (05) Os cinco candidatos ao governo de Mato Grosso do Sul foram unânimes em avaliar como positivo, o debate promovido pela TV Morena, na noite de terça-feira. [...] Durante as discussões André Puccinelli (PMDB), Delcídio do Amaral (PT), Carlito Dutra (PSOL), Tito Lívio (PV) e Elizeu Amarilha (PSDC), além de expor suas propostas, responderam perguntas relacionadas a vários temas como educação, saúde, segurança pública, infraestrutura, dívidas públicas e investimentos de um modo geral (O Progresso, A5, 28/09/2006).

Também destacamos as seguintes escolhas lexicais para reforçar a aprovação ao evento, estampada também por meio da heterogeneidade marcada de discursos de cada um dos cinco candidatos, para sustentar a avaliação positiva: “Carlito Dutra avaliou o debate como importante”, “Para Delcídio o debate foi excelente”, “André Puccinelli parabenizou os organizadores do evento”, “Para Tito Lívio, o debate foi importante” e “Elizeu Amarilha considerou o debate excelente”. Além de provocar um efeito de sentido positi-

vo ao evento, a estratégia discursiva adotada – dar voz aos cinco candidatos na reportagem – aproxima o jornal da missão apontada na linha editorial, ou seja, a de apresentar um noticiário objetivo e imparcial.

Considerações finais

O estudo dos gêneros do discurso jornalístico é alvo de discussão e controvérsia entre os próprios pesquisadores da área de comunicação. Separados por meio de classificações, que remetem a dicotomia entre informação e opinião ou relato e comentário, quando analisados verificamos que até mesmo os textos tidos como informativos ou de relatos, como o gênero Reportagem, pesquisado neste artigo, registram a voz do jornal, o seu posicionamento.

No estudo em questão, escolhemos dois jornais impressos de Mato Grosso do Sul –“Correio do Estado” e “O Progresso”– que apresentam trajetória importante na história da sociedade regional. Observamos por meio da articulação das condições de produção dessas duas instâncias, do levantamento sobre o surgimento dos veículos, que ambos têm raízes políticas e, posteriormente, por meio das análises ficou evidenciado que se posicionam de forma subjetiva, ao retratar um acontecimento dessa natureza. As duas mídias constroem identidades distintas e isso pôde ser constatado na investigação dos aspectos verbais e dos deslizamentos de sentido do gênero discursivo “reportagem”.

Se o discurso pode ser considerado como o lugar em que se realiza a ideologia, não há como o discurso jornalístico escapar disso. Imparcialidade, verdade e objetividade são as principais palavras que guiam o trabalho dos repórteres na produção e redação de notícias, porém notamos, ao analisar as instâncias de produção midiáticas, que há um posicionamento mobilizado pelos interdiscursos, por meio da heterogeneidade, do silêncio, na escolha dos conteúdos e até mesmo na escolha dos gêneros de textos. Certamente, esse posicionamento refletirá a identidade dessas instâncias.

Porta-voz da sociedade sul-mato-grossense é a identidade assumida pelos dois periódicos em sua linha editorial. Assim, os

discursos veiculados por ambos deveriam refletir as diversas vozes da sociedade de forma equilibrada, além, de refletir no suporte os anseios, inquietações, problemas dos cidadãos do Estado, uma vez que é esse o papel ressaltado por ambos em sua linha editorial. O “Correio do Estado” e “O Progresso” sempre se colocam como aqueles que procuram levantar as bandeiras da comunidade regional, se pautar pelos desejos da maioria, e defendem que isso só é possível porque possuem como traços identitários a objetividade, a isenção, a imparcialidade. Tais traços, segundo a linha editorial, estão presentes no noticiário.

Porém, ao observarmos a materialidade lingüística, por meio dos interdiscursos, da heterogeneidade, do aspecto verbal e dos deslizamentos de sentido presentes no discurso dos jornais, verificamos que há estratégias argumentativas muito marcadas nas reportagens e que afastam o noticiário de sua função informativa. O “Correio do Estado” se posiciona de maneira desfavorável ao candidato do PMDB, mas ao mesmo tempo não chega a contribuir efetivamente para a construção de uma imagem positiva do candidato do PT, Delcídio do Amaral. Já o jornal “O Progresso” se aproxima do discurso de André Puccinelli, num posicionamento favorável a este candidato. Ao interpelar o leitor por meio dos gêneros de relato ou informativos, os jornais estabelecem um contrato no qual se colocam como sujeitos detentores do saber e do poder de informar os cidadãos, por meio da “reprodução fiel” dos fatos. Aos olhos dos leitores comuns é isso o que realmente acontece e os traços argumentativos podem passar despercebidos: é uma forma sutil de impor sua ideologia e persuadir o público.

Especialmente no que diz respeito ao gênero “reportagem”, a análise apontou determinados recursos, o como dizer dos textos, que tomamos como marcas lingüísticas desse gênero. A princípio a reportagem se restringiria ao relato ampliado do acontecimento, implicando uma contextualização. Mas, os textos analisados vão além. Pudemos verificar, por meio das escolhas verbais e dos deslizamentos de sentido, que tais estratégias contribuem para criar o efeito de sentido historicamente construído e não decorrente do significante lingüístico, uma vez que para a AD a língua não é autônoma, tampouco completa (Guerra, 2006).

Enfim, mesmo sem a intenção de encontrar uma resposta definitiva sobre os modos pelos quais os dois jornais construíram a representação das eleições de 2006, em Mato Grosso do Sul, o presente trabalho vem cumprir seu papel de trazer para a pesquisa acadêmica um tema que, provavelmente, se esconderia por muitos outros anos nos arquivos históricos dos veículos estudados: esperamos mais pesquisas que possam iluminar nossas questões.

Referências Bibliográficas

- Authier-Revuz. (1990). Heterogeneidade enunciativa. In: Cadernos de Estudos Linguísticos. Campinas: UNICAMP/Instituto de Estudos da Linguagem, jul. dez, pp. 25-42.
- Charaudeau, Patrick. (2006). O discurso das mídias. Trad. Ângela M.S. Corrêa. São Paulo: Contexto.
- Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. (1999). Novo Aurélio século XXI: dicionário de língua portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Gregolin, Maria do Rosário, Baronas, Roberto (org). (2003). Análise do discurso: as materialidades do sentido. São Carlos: Claraluz.
- Guerra, V. M. L. (2006). O legado de Michel Foucault: saber e verdade nas Ciências Humanas. In Guerra, V.M.L.; Nolasco, E.C. (orgs.) Discurso, alteridades e gênero. São Carlos: Pedro & João, pp. 201-214.
- Lopes, S. A. (1990). Sobre o discurso jornalístico: verdade, legitimidade e identidade. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. 231p. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social).
- Malidier, Denise. (2003). A inquietação do discurso: (re) ler Michel Pêcheux hoje. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Pontes.
- Malidier, Denise. (1994). A opinião no jornalismo brasileiro. 2. ed. Petrópolis: Vozes.
- Navarro-Barbosa, P. L. (2006). O pesquisador da mídia: entre a “aventura do discurso” e os desafios do dispositivo de interpretação da AD. In: Navarro-Barbosa, P. L. (org.) Estudos do Texto e do Discurso. Mapeando Conceitos e Métodos. São Carlos: Claraluz, pp. 67-92.
- Pêcheux, Michel. (2006). O Discurso: estrutura ou acontecimento. 4. ed. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Pontes.
- Sodré, Muniz; Ferrari, María Helena. (1986). Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística. 3. ed. São Paulo: Summus.